Corpo & História: noções de pertencimento no espaço social[1]

Muriel Emídio Pessoa do Amaral[2]
Universidade Estadual Paulista

Resumo

Esse artigo tem como objetivo apresentar algumas reflexões sobre noções de identidade e representação pelo corpo. Para isso, foi traçada uma linha cronológica acerca das representações do corpo em alguns momentos da história da humanidade. Os posicionamentos realizados visam apresentar como são articuladas essas representações no intuito de promover relações de cidadania e de reconhecimento no espaço social

Palavras-chave

Corpo; identidade; representação; História; pertencimento social

Corpo & História: noções de pertencimento no espaço social

Esse artigo[3] pretende analisar como as representações do corpo se articularam em alguns momentos da história da humanidade, tendo como tema central as interferências culturais para a concepção do corpo e das corporalidades. Pelo corpo, o homem conseguiu estabelecer relações culturais de identidades e também de pertencimento social.

Com isso, a cultura se torna um alicerce para que o corpo seja moldado; uma forma de discurso construído e seguido por uma grande contingência de indivíduos, sendo orientado pela necessidade de pertencimento social e também por relações de poder. A noção de pertencimento pelas identidades é constituída discursivamente, ou seja, os signos são articulados para a formação das identidades de tal forma que apresentam significação, modo muito semelhante ao processo de produção de sentido

[1] Trabalho apresentado no GT Subjetividade e Produção de Sentido do V Congresso de Estudantes de Pós-Graduação em Comunicação - CONECO.
[2] Jornalista em Londrina. Mestrando em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (Unesp/Bauru). Integrante do Grupo de Pesquisa Estudos Culturais e Mídia, da Universidade Estadual de Londrina (UEL).
[3] Esse artigo é um recorte da dissertação de mestrado do autor. A pesquisa completa tem como objetivo analisar a representação do corpo masculino em fotografias de veículos homoeróticos, tendo como ponto de pesquisa a cultura e as noções de identidade e representação.

semiótico. Dentro de uma relação simbólica de significação, o discurso é constituição objetivando a formação da identidade como sendo uma manifestação de pertencimento social. O discurso não se baseia apenas nas manifestações oral ou escrita da língua, mas também nos hábitos, comportamentos e costumes, ou seja, uma rede muito abrangente que se reporta à cultura de um grupo. Doravante, o processo de formação das identidades não se constitui de modo muito simples, não se atém exclusivamente aos modos de identificação e pertencimento, mas também de exclusão. Aquilo que não faz sentido dentro de uma trama de representações simbólicas, não pode oferecer noções de pertencimento ao grupo de uma determinada prática discursiva.

As identidades não se estabelecem de forma linear, constante ou previsível, por estar atrelada às esferas culturais, as representações das identidades também ocorrem de forma conflituosa no sentido de ser o resultado de choques de paradigmas culturais diferentes que se sobrepõem, corroboram, ou amenizam as representações das identidades já existentes. Esse choque se dá com relação ao "outro", sendo esse "outro" indivíduo, grupo social ou um novo paradigma cultural. Com isso, as identidades são frutos da persistência cultural de forças que se sobressaem em grupos de indivíduos localizados em um momento na história. Certamente, a representação das identidades não está aliada apenas às condições subjetivas e introspectivas do indivíduo, mas também condicionadas às relações de poder, influência do Estado ou agenciamentos sociais, reforçando a concepção de que as identidades se estabelecem em relações de choques e interferências. Assim, a necessidade de tratar identidade no plural; identidades, devido à própria condição de ressignificação a que está propensa. Por ser uma construção discursiva baseada em choques de paradigmas, as identidades estão relacionadas com os processos comunicacionais a que o sujeito está submetido. As reflexões de Craig Scott, na perspectiva de Luis Mauro Sá Martino, oferecem condições de entender o porquê essa relação.

> Em muitos aspectos, identidade e identificação são questões fundamentalmente comunicativas. De fato, é através da comunicação com outros que expressamos nosso sentimento de vínculo, pertencimento (ou da falta dele) em relação às várias coletividades. É também pela comunicação que temos acesso à imagem dessas coletividades, que as identidades podem ser conhecidas por nós, e que as vantagens e

> desvantagens de se ter uma identidade são reveladas (SCOTT apud MARTINO, 2010, p.13).

A prática discursiva como um processo de comunicação estabelece as representações das identidades. Com esse leme de teórico, o artigo traz algumas reflexões sobre as identidades pela representação do corpo, pois "a idéia de mostrar a pluralidade de elementos vinculados à questão de identidade tem bases materiais, sociais, econômicas e políticas, bem como aquelas ligadas ao corpo (WOODWARD apud MARTINO, 2010, p. 38-39) ." Por isso que foi desenvolvida uma linha cronológica para perceber como foram estabelecidos os discursos e as noções de pertencimento social em diferentes momentos da humanidade pela identidade com o referencial do corpo.

O Corpo, História e Cultura

Pensar o corpo extrapola o entendimento dele como sendo uma entidade constituída apenas pelas estruturas biológicas, baseada em concepções fisiológicas e naturalizantes. Certamente que essas concepções não podem ser descartadas quando se pensa nas formas de entendimento do corpo, todavia, o corpo também pode ser interpretado como sendo uma representação da cultura do indivíduo que comporta esse corpo. As duas esferas do saber, natural e cultural, se tornam influências importantes para compreender as representações e formas de entendimento do corpo. "É justamente o corpo que faz a mediação entre natureza e cultura. É ele o aparato biológico que recebe as marcas culturais que determinarão sua identidade grupal, *status* social e gênero. (OLIVEIRA, 2007, p.48)".

Com referências biológicas, o corpo humano se manifesta pelos instintos, pelas manifestações metabólicas e hormonais que ocorrem no organismo, mantendo as funções físicas, químicas e fisiológicas. Fora dessas concepções, o corpo se torna uma marca da cultura, levando em consideração não apenas as estruturas orgânicas, mas também aquilo que é consumido, as roupas, os rituais e demais formas de manifestações que estão interligadas à cultura. Seria como se a cultura moldasse as formas de representação do corpo, afastando-o do entendimento de referências animalizadas. Por isso, a necessidade de interpretar o corpo como um produto da

cultura; as extensões e prolongamentos do corpo também são muito importantes para o seu entendimento, justamente por que essas intervenções corpóreas não fazem parte do corpo biologizado, é a marca da cultura e as representações discursivas pontuadas no corpo.

> O corpo – que comemos, como nos vestimos, os rituais diários através dos quais cuidamos dele – é um agente da cultura. (...) ele é uma poderosa forma simbólica, uma superfície na qual as normas centrais, as hierarquias e até os comprometimentos metafísicos de uma cultura são inscritos e assim reforçados através da linguagem corporal concreta (BORDO, 199, p.19).

Cleide Riva Campelo (1996) traz reflexões importantes acerca das contribuições da biologia e da cultura para a compreensão do corpo. A autora considera o corpo como sendo um "suporte físico-químico-biológico" (p.44) que oferece condições para o desenvolvimento e sustentação e aponta a cultura como sendo um artefato que o auxilia para a sua própria sobrevivência no meio social. "O biológico permite a vida; a cultura possibilita a transcendência. O biológico garante herdeiros; a cultura permite a eternidade (idem, ibidem). Percebe-se que o corpo alia as duas áreas de conhecimento, todavia, para esse trabalho serão trabalhadas as representações do corpo aliadas às manifestações culturais, já que a cultura está atrelada à perpetuação do homem enquanto uma entidade social. A interpretação de que a cultura oferece o eterno, ou seja, afasta a morte e a decrepitude do tempo é uma ideia que será seguida para o desenvolvimento dessa pesquisa.

A morte não é apenas a falência do corpo biológico, mas também pode ser considerada como uma manifestação simbólica de algumas condições que indiciam a condição do homem afastado do convívio social: isolamento, solidão e esquecimento. Dessa forma, as atitudes e comportamentos desenvolvidos pelo homem são articulados para retardar e amenizar os efeitos da morte. Mesmo o ser humano sendo o único ser vivo dotado da consciência da própria morte do corpo biológico, utiliza de subterfúgios para postergar as consequências da morte simbólica. Tendo essa percepção da morte, o homem consegue degustar das noções da imortalidade utilizando a cultura para afastar morte e desfrutar a vida. Para que a espécie humana conseguisse a eternidade no tempo e no espaço houve a necessidade de se reinventar,

condição que seria impossível enquanto uma entidade exclusivamente biológica, por isso, o desenvolvimento da cultura.

Muito embora haja vários conceitos acerca da definição de cultura, para essa pesquisa foi escolhido a definição de Geertz (1978), pois alia o conceito de cultura aos processos de significação. O resultado de significações simbólicas estabelecidas dentro de um determinado contexto, podendo ser fruto de uma relação inconsciente e subjetiva. Além disso, a definição de cultura dialoga com os conceitos da Semiótica no sentido de oferecer condições de interpretações, representações e significações. Cultura é definida para esse trabalho como um processo

> (...) essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. É justamente uma explicação que eu procuro, ao construir expressões socais enigmáticas na sua superfície. (GEERTZ, 1978, p. 15).

A afirmação de ser um processo essencialmente semiótico, tem como ponto de partida que a Semiótica é uma área do conhecimento que se preocupa em explicar os processos de significação, ou seja, como são estabelecidos os sentidos das representações. Pela interpretação de Geertz, o homem é criador da cultura, essa que se estabelece pelas condições simbólicas construídas pelo próprio homem em um determinado tempo no espaço. Assim, a cultura se constitui por processos de significações simbólicas que estão atreladas a estruturas subjetivas. Os próximos tópicos iram apresentar posicionamentos sobre o corpo em alguns momentos da história da humanidade, refletindo sobre as concepções culturais para as representações do corpo, em movimentos que apresentam o corpo como um reflexo e proponente da cultura e também como uma estrutura marcada e construída sob ideais de pertencimento social e cidadania.

Corpo na Grécia Antiga e a Questão de Cidadania

Ao longo da história, serão percebidas algumas formas de representação do corpo como sendo uma representação de um bem simbólico. Pela historiografia será

possível perceber as dinâmicas de ressiginificação do corpo em diferentes reflexões sobre as representações de identidade, cultura e pertencimento social. Traçando essa linha do tempo, pode-se perceber que os discursos sociais moldam algumas das manifestações de corporalidades.

Na Grécia Antiga, no decorrer dos séculos V e IV a.C., o corpo trazia marcas do pertencimento de classes social a que o indivíduo pertencia, um sistema semelhante de significação da cultura atual, todavia com representações diferentes. Naquele tempo, o indivíduo com corpo saudável e torneado por músculos pertencia às classes que habitavam a pólis, ou seja, cidadãos legítimos da Grécia. Todavia, esses cidadãos eram exclusivamente do sexo masculino, naturais daquela cidade-estado. O corpo esculpido em músculos tonificados era uma representação de cidadania no sentido de pertencimento daquele determinado grupo. "Nesse sentido, estaremos apreendendo a dinâmica existente entre a construção de um ideal de corpo entre os cidadãos e a sua participação e integração cívica na *pólis* (LESSA, 2003, p.48 – grifo do autor). Assim, o corpo musculoso indiciava uma referência de masculinidade, de pertencimento à pólis e que estava apto às práticas de guerra, uma condição restrita aos sujeitos nascidos na pólis.

O corpo esculpido em músculos representado na Grécia Antiga denunciava as formas de cultura daquele período. Assim como a participação em guerras, as práticas esportivas também eram restritas aos naturais da pólis. Dessa forma, o corpo permeia noções de pertencimento social, excluindo os indivíduos que não comungam das referências esportivas ou bélicas.

> Vale enfatizar que as competições atléticas se inserem nas noções de cívico e ritual, pois os gregos antigos organizaram as relações com o sagrado através de ações como rituais, festivais procissões, competições atléticas, oráculos, oferendas e sacrifícios animais (NEILS apud LESSA, 2003, p.48)

Além disso, as práticas esportivas eram realizadas em espaços públicos denominados ginásios, que deriva da palavra grega *gumnoi*, que significa totalmente desnudo (Sennett, 1997, p.47). Nesse período, a nudez do corpo não era entendida como sendo atentado ao pudor, tão pouco denotava uma situação erotizada, mas sim de distinção entre fortes e fracos, uma forma de exibição das potencialidades da

estrutura muscular do corpo e também uma representação de um corpo civilizado no sentido pertencer a uma identidade cívica, integrante do espaço. Dessa forma, Lessa acredita que Sennett

> associa a nudez à forma de governo democrática adotada pelos atenienses, evidenciando que esta forma de governo dava à liberdade de pensamento a mesma ênfase se atribuída à nudez, isto porque, o ato de e exibir confirmava a sua dignidade de cidadão, reforçando os laços cívicos (LESSA, op.cit.)

Assim, o corpo exposto e nu significava a liberdade do cidadão em se sentir à vontade na condição de indivíduo, pois estava integrado com as condicionantes de pertencimento a uma cidade, o que poderia garantir a ele sensações de segurança e proteção. O corpo se torna um álibi das representações simbólicas de cidadania. Em outros momentos da história, o corpo adquire outras concepções advindas de mudanças culturais e sociais que modifica a própria forma de representação.

Corpo Medieval e as Concepções Divinas

Nesse período da história que compreende aproximadamente nos meados do século V com a queda do império romano e se estende até as primeiras incidências do Renascimento no século XV. As questões subjetivadas da identidade e pertencimento social são permeadas por interferências religiosas que afloram na dinâmica social. “A civilização medieval é uma civilização de signo. Palavras, gestos, hábitos, tudo tem um sentido aparente e um sentido oculto” (PASTOREAU, 1989, p.87). Foi nesse período que o Cristianismo ascendeu e os assuntos de cunho políticos estavam atrelados às questões religiosas, os Estados e as monarquias constituídos nesse período não eram laicos. A Igreja Católica foi um elo entre os povos que habitavam a Europa Medieval, depois de sucessivas guerras e invasões por conquista de territórios, exercendo papel de agenciadora entre os povos e também de detentora de poder. Houve também a formação dos feudos, grandes propriedades agrárias e

> A Igreja, por sua vez, foi o elemento que possibilitou a articulação entre romanos e germanos, o elemento que ao fazer a síntese daquelas duas sociedades forjou a unidade espiritual, essencial para a civilização medieval. Isto foi possível pelo próprio caráter da Igreja nos seus primeiros tempos. De um lado ela negava aspectos importantes da civilização

> romana, com o caráter divino do imperado, a hierarquia social e o militarismo. De outro, ela era um prolongamento da romanidade, com o seu caráter universalista, com o Cristianismo transformado em religião do Estado, com o latim que através da evangelização foi levado a regiões antes inatingidas (FRANCO JUNIOR, 1986, pp. 12-13).

O discurso religioso moldou as representações de corpo na Idade Média, exercendo o papel de agência frente aos paradigmas culturais existentes. Dessa relação, o corpo ganha novas configurações absorvendo e reproduzindo os resultados desse agenciamento. Mesmo sendo considerado impuro pela condição de estar propenso ao pecado e pelo simples fato de ser um corpo pertencente a um indivíduo de carne e osso, o corpo não era valorizado, por isso, a necessidade de purificação. Por outro lado, esse mesmo corpo era considerado sagrado, não no sentido de ser imaculado, mas por ser considerado uma obra de Deus. A medicina da época trazia referências subjetivadas como bom estado de espírito para explicar o condicionamento do organismo, por isso, o corpo não poderia ser muito manipulado justamente por ser uma construção divina e não da humanidade. Com isso, percebe-se a interação entre religiosidade e corpo.

Nesse período, compartilhar de signos religiosos católicos oferecia aos indivíduos concepções de identificação e pertencimento social. A medicina, mesmo estudando as condições fisiológicas do organismo, estava envolvida em concepções religiosas para que pudesse ser explicada. Seria uma espécie de código a comunhão dessas referências. Sennett (op.cit) apresenta que nesse momento da história houve o movimento de "Imitação de Cristo"(p.139) , que seria a aproximação do homem com as referências do corpo de Cristo, mas no sentido de seguir as experiências semelhantes às dele quanto à dor, como se esse processo de sofrimento do corpo fosse um canal de purificação da alma e a salvação do pecado. Essa ideia mudou as dinâmicas da sexualidade e das experiências do corpo, e o "corpo alheio de Cristo" (idem, ibidem) seria motivo de uma vida desviada dos preceitos católicos.

> Recuperando a carne para a religião, a "Imitação de Cristo" fez dela o juiz da hierarquia social, ao estabelecer um contraste evidente entre os laços que uniam aqueles que cuidavam dos outros e as estruturas comerciais, em que o amor ao próximo estava ausente. (SENNETT, op. cit).

O autor pontua até mesmo a arquitetura das catedrais eram tidas como sinal de pertencimento contra os indivíduos estrangeiros. As edificações religiosas consagradas pela arquitetura monumental se tornaram ponto de referência para demonstrar a presença católica da cidade, a demonstração da influência religiosa na vida dos cidadãos e também de um ponto de acolhimento daqueles que seriam cidadãos, excluindo os bárbaros e estrangeiros.

A ascensão e queda da Igreja Católica aconteceram na Idade Média, Sennett (op.cit.) afirma que o corpo quebrou os limites da pedra, uma metáfora utilizada por ele para designar os muros de feudos e igrejas. O rompimento com as ideias religiosas fez que o indivíduo migrasse para as cidades, organizando as primeiras concepções da civilização urbana, rompendo com as ideias de religiosidade, podendo usufruir do acúmulo de bens e capital e fortalecendo as primeiras concepções do pensamento científico. As cidades se tornaram importantes nesse processo de ressignificação do corpo, pois elas também interferiram na significação da cultura nesse período, ainda mais que houve o choque cultural da passagem do corpo de ambientes bucólicos para entrar em contato com a urbanidade e noções desenvolvimentistas.

Corpo na Modernidade e o Pensamento Científico

Ao contrário da Idade Medieval em que a ocorrência dos fenômenos naturais e os fatos do cotidiano tinham um aparato divino para explicação, com o surgimento da Era Moderna, que compreende entre os anos de 1453 a 1789, há um deslocamento da significação desses processos que aconteciam com a humanidade. Pelas primeiras noções de ciências, que vão culminar no surgimento do Positivismo no século XIX, e o desenvolvimento do pensamento Iluminista, o foco está concentrado nas capacidades antropológicas, amenizando as interferências divinais.

> O século XVII representa a culminação de um processo em que se subverteu a imagem do próprio homem e do mundo que o cerca. A emergência do mundo burguês e o desenvolvimento da física, que se exprime matematicamente, constituem aspectos de uma mesma realidade cultural em transformação. A atividade filosófica, a partir daí, reinicia outro trajeto: ela se desdobra com reflexão cujo pano de fundo é a existência da ciência (ARANHA; MARTINS, 2003, p.130)

As mudanças não ficaram apenas no campo da filosofia, mas se estenderam por várias esferas sociais como a política e a economia. O século XVIII, também denominado como Século das Luzes, foi reconhecido pelo Iluminismo, conhecido como Ilustração ou Esclarecimento. O nome faz alusão "ao otimismo do poder das luzes da razão de reorganizar o mundo humano" (idem, p.134). Percebe-se o reconhecimento das faculdades do homem, bem como, a necessidade de ressignificar o espaço social sob outro ponto de vista. Assim, houve a organização e fortalecimento da classe burguesa, que garantiu o próprio empoderamento, a realização das revoluções burguesas, a concretização do capitalismo e a formação do pensamento liberal, que se esforça em tornar o Estado único, secular e laico, em que a sociedade seria regida sem muita interferência do Estado e a formação da sociedade civil.

> Já no Renascimento desenrolava-se a luta contra o princípio da autoridade e se buscava o reconhecimento de que pelos seus próprios poderes os seres humanos seriam capazes de tecer a trama do seu caminho. (...) dá-se o fortalecimento do sistema capitalista como modo de produção predominante, cuja expressão é a Revolução Industrial, marcada pelo aparecimento da máquina a vapor, em meados do século XVIII, e que introduz o processo de mecanização das indústrias. (idem, ibdem)

Analisando esse contexto sócio-cultural e econômico, o corpo não poderia passar ileso, tão pouco as representações dele como sendo um painel de referências culturais dessa época. Na Idade Moderna, foram descobertas as faculdades do homem com a representação de maior capacidade entre os seres que habitam a face da Terra, denominado antropocentrismo. Foi nesse período que as forças religiosas foram amenizadas pelos discursos científicos e liberais, além de surgirem as primeiras noções da formação da identidade como sendo uma identidade imutável e unificada e, paralelamente a esse reconhecimento, o corpo é utilizado como mais um objeto de pesquisa, até então desconhecido pela ciência, uma vez que esse era sacralizado pelos dogmas religiosos. Entram em cena a capacidade cognitiva do homem de pensar sobre o mundo que o rodeia.

> Na Modernidade, paulatinamente, o corpo foi se inscrevendo, e sendo inscrito, em outras circunscrições: da natureza, da ciência e da biologia..da linguagem. Após o advento do *cogito* cartesiano, de Kant e de Hegel, da revolução industrial e de um Modo de Produção assente na produção de

> mais-valia, a possibilidade de rearticular o corpo como uma representação simbólica. (GÓES, 2003, p41).

Com isso, o corpo é considerado como uma entidade essencialmente materializada e biologizada, até mesmo lógica e matemática. Para René Descartes, pai da filosofia moderna (ARANHA; MARTINS, op. cit.), concebe o homem no dualismo psicofísico, entre o corpo e a mente. Para o filósofo, o corpo fora considerado como sendo uma realidade física e fisiológica dotada de massa e que desenvolve várias atividades como alimentar-se, respirar dentre outras para manter-se vivo, sendo restrito às condições biológicas; e a mente que não é submissa às leis da física, sendo manifestada pela capacidade de lembrança, memória e pensar, por exemplo, seria objeto de estudo das reflexões da filosofia. Com isso, pelo filósofo, o corpo recebe a desinência de corpo-máquina, sendo interpretado como um sistema maquinal de base biológica, sendo amenizadas as relações subjetivas de interpretar o corpo.

O Corpo Contemporâneo e as interferências de higiene

Depois de passar por várias transformações de representação, na Contemporaneidade, entre 1789 até os dias atuais, o corpo se encontra em mais um estágio de ressignificação. Com a consagração da burguesia como uma classe de poder após a Revolução Francesa e a Revolução Industrial, que configuraram o modo de trabalho e a convivência com o desenvolvimento tecnológico, o homem se encontra em contato com outras contingências sociais e culturais. A ciência compartilha com o corpo o desenvolvimento tecnológico que aflora nesse período, são desenvolvidos as primeiras concepções do positivismo.

Em outras eras da humanidade, o modo de pensar era teológico (Idade Média), metafísico (Idade Moderna) e com o positivismo, a ciência surge como uma forma de explicação é superada pelo conhecimento, por meio de observações e raciocínio do homem. O positivismo não apenas de limitou às áreas biológicas e médicas, contextos em que houve muitos avanços para tratamento de doenças e cuidados do corpo, mas também nas ciências humanas, conhecimentos e saberes que se desenvolveram como

forma de explicação do homem como uma entidade social, compartilhando de espaços coletivos, e estruturando áreas como a Sociologia.

O corpo nessas referências se torna positivo no sentido de desprender-se dos conceitos da metafísica e sendo interpretado à luz da ciência positivista. Nesse período, a identidade do homem, bem como as representações do corpo, seguiu os preceitos positivistas, pois havia o aparato do conhecimento científico para oferecer explicações acerca dos fenômenos que aconteciam com o homem enquanto ser social e biológico.

Nesse período, há o "retorno do corpo-máquina" (Fauer, 2009, p.36) acerca do funcionamento do corpo enquanto uma estrutura fisiológica, até mesmo por que houve o avanço das práticas médicas, não apenas enquanto a tecnologia de equipamentos e medicamentos, mas também a exploração do corpo para diagnóstico de doenças, e a dessacralização do corpo enquanto uma obra divina.

> A ambição de compreender os mecanismo de doença e o funcionamento do corpo leva alguns médicos, formados na via clínica, a trocar parcial ou totalmente as salas de hospital pelo laboratório, preferindo os estudos dos órgãos, dos tecidos e das funções ao exame de doentes. Sem que suas evidentes aquisições cheguem a ser negligenciadas, o extraordinário desenvolvimento da fisiologia experimental é visto, muitas vezes, como tendo contribuído para a desumanização de uma medicina voltada mais para os processos, as leis químicas que animam o corpo humano, que ao doente em sua totalidade e em sua experiência de vida. De fato, apresentar o organismo humano como "uma máquina viva, constituída de um composto articulado de elementos orgânicos", dizer que "as doenças, no fundo, são apenas fenômenos fisiológicos (Claude Bernard), com certeza provoca tais acusações. (idem, ibidem)

As medidas de profilaxias do corpo também foram destacadas nesse período. O corpo para ser considerado saudável, além de alimentação equilibrada, práticas de exercícios, a higienização também era um dos pressupostos de saúde e bem-estar. Na Antiguidade era frequente a prática do banho, mas no Ocidente os hábitos eram diferentes, e não se cultivava esse hábito por uma questão de pudor.

> Ele [banho] gozou de grande prestígio entre as civilizações antigas e estava associado ao prazer: vide as termas romanas. Durante o Império [no Brasil], os banhos públicos multiplicaram-se e muitos se tornaram locais de prostituição. (DEL PRIORI, 2011, p. 19).

Com a mudança cultural de perceber a necessidade de higienização do corpo, fez do banho um hábito mais frequente na Europa e que também foi adaptado no Brasil como um método de prevenir a incidência de doenças. As práticas de higienização estavam ligadas aos hábitos individuais, mas também se atrelavam ao desenvolvimento tecnológico no meio urbano, pois houve a necessidade de realizar projetos de urbanização que contemplasse saneamento básico e, consequentemente, associar esse movimento desenvolvimentista a noções de cidadania e pertencimento do meio social

> Por meio da higiene, podia-se regenerar uma raça, fortalecer uma nação. Certamente, as regras de limpeza foram essenciais, desde os primórdios das civilizações. Mas era nova a crença de que, por meio d higiene, seria possível alavancar o progresso econômico e social. (...) as ações da engenharia e da arquitetura deveriam se alinhar à sensibilidade de higienistas, médicos e educadores. E essa tendência foi rapidamente exportada para inúmeros países, entre eles o Brasil (SANT´ANNA, 2011, p.302).

Paralelamente a essas mudanças, houve o avanço tecnológico nos produtos de cuidado do corpo, tanto da parte externa como da parte interna. A modernização do mobiliário de banheiro como a instalação de bidet, banheiras e chuveiros ofereceram métodos mais eficientes e eficazes de manutenção da higiene. Além da veiculação de propaganda de produtos de higiene pessoal como sabonetes e xampus, e também de medicamentos, que na época era permitida desse tipo de material nos meios de comunicação, seriam a promessa de qualidade de vida e preservação da saúde do corpo, tanto para homens e mulheres.

> Em meio aos progressos esperados pela ciência higiênica, a propaganda de remédios para a saúde ganhou espaço crescente nos jornais brasileiros durante as primeiras décadas do século XX. Vários de seus anúncios mostravam figuras humanas atacadas por doenças, silhuetas enfraquecidas , olhares tristes e rostos contorcidos por dores insuportáveis. Ainda não havia grande constrangimento em mostrar a sujeira, a doença e a feiúra, nem pudores em pronunciar tais palavras. (...) A presença de Higia, deusa grega da limpeza e da saúde, cujo nome originou a palavra higiene, também não escapava da pluma dos escritores e artistas da época. Os rigores do positivismo presentes nas justificativas higienistas ainda vinham utilidade e importância na lembrança de uma divindade (op.cit, p.308)

A reflexão da autora é pertinente para que sejam entendidas as demais formas de representação do corpo na contemporaneidade. A citação de Sant´anna faz referência que ainda as concepções mitológicas não foram totalmente abolidas do cotidiano humano, mesmo com o estímulo do pensamento científico positivista e outras abordagens científicas. A ciência foi desenvolvida com o propósito de oferecer respostas aos questionamentos humanos e às soluções de conflitos em diversas áreas do conhecimento, na tentativa de, ao menos, amenizar os posicionamentos mitológicos e religiosos e de afastar as referências do pensamento mitológico. Certamente, vários questionamentos foram resolvidos à luz da ciência, ainda mais quando se trata do desenvolvimento da medicina, produtos farmacêuticos, aprimoramento de tecnologias e outros setores do conhecimento, em nome do desenvolvimento da ciência pela capacidade das faculdades humanas. Todavia, na tentativa de oferecer posicionamentos baseado na razão para aniquilar os conceitos mitológicos, a ciência não anula a mitologia, apenas a ressignificação desses valores. O que antes a mitologia tentava explica, hoje é da ciência essa missão. E na ocorrência desse processo que há a crise da razão, pois o homem, bem como as suas faculdades, não é suficiente para explicar todos os fenômenos que acontecem ao seu redor, ainda mais aqueles de ordem mais subjetivada.

O Corpo, crise e consumo: reflexões sobre a contemporaneidade

Nos dias de hoje, a concepção do corpo como uma indivisível se quebra com a convivência do homem com a tecnologia, estabelecendo novas fronteiras entre o humano e a máquina, originando crises de representação, a mesma concepção vale às representações das identidades. Quando os indivíduos passam por processos de crise é por que chega a um estágio em que os processos de significação não produzem mais sentido, sendo ressignificado por outros signos. A crise dentro desse momento histórico não será interpretada como sendo o resultado de um padrão que foi desviado com o propósito prejudicial, mas sim, como um processo de ressignificação em que os conceitos recebem outras conotações, que até então seriam alheias ao corpo. Nesse momento, o corpo passa por mais um processo de choque para absorver outras referências culturais. Na atualidade essas referências dialogam com a presença da

tecnologia, seja como uma simbiose do corpo com a máquina e com as tecnologias oferecidas pela biotecnolgia para a constituição do corpo denominado pós-humano, também conhecido como ciborgue (Tadeu, 2009). Essa representação do corpo é cúmplice do diálogo do homem com os aparatos da tecnologia, da medicina, da comunicação, dos produtos da indústria farmacêutica e demais itens que são considerados extensões, prolongamentos ou inserções no corpo humano.

> O ciborgue é uma matéria de ficção e também de experiência vivida (...). A ficção científica contemporânea está cheia de ciborgues, que habitam mundos que são, de forma ambígua, tanto naturais quanto fabricados, A medicina moderna também está cheia de ciborgues, de junção entre organismo e máquina, cada qual concebido com um dispositivo codificado, em uma intimidade e com um poder que nunca, antes, existiu na história da sexualidade. (HARAWAY, 2009, p. 36)[4].

O corpo e suas extensões são assuntos de debate nas ciências sociais e na comunicação há alguns anos. McLuhan, (1969) afirmava a dependência do corpo quanto à eletricidade e, consequentemente, os meios de comunicação. Na contemporaneidade, o corpo desenvolve mecanismos de dependências com as suas extensões e com os meios de comunicação no sentido de haver uma relação simbiótica entre as partes envolvidas.

> Ao colocar nosso corpo físico dentro do sistema nervoso prolongado, mediante os meios elétricos, nós deflagramos uma dinâmica pela qual todas as tecnologias anteriores – meras extensões das mãos, dos pés e dos controles de calor do corpo, e incluindo as cidades como extensão do corpo – serão traduzidas em sistemas de informação (MCLUHAN, 1969, p.77).

As interferências sugeridas por McLuhan a que o corpo é submetido também condicionam a um novo processo de significação, ou melhor, originam processos de ressignificação, de transformação, os significantes são dotados de outras expressões e, consequentemente, recebem outros sentidos, mas permanecendo a necessidade de pertencimento social. Essas modificações tecnológicas são reflexos da condição do

[4] De acordo com a autora, a ideia de um corpo ciborgue não é muito recente. A simbiose com estruturas extracorporais que não são consideradas pertencentes ao corpo biológico podem originar representações ciborgues do corpo. Próteses, aparelhos, intervenções plásticas e cirúrgicas são alguns apontamentos que Haraway faz para demonstrar que o corpo sofre inserções e modificações e, assim, ser considerado dentro de uma cultura ciborgue ou pós-humana.

corpo de precisar se adaptar aos movimentos de mudanças que ocorrem no espaço social, baseadas nas referências de desenvolvimento tecnológico em nome do bem-estar, saúde e, principalmente, da ordem capitalista de produção. Ainda mais que o consumo tem sido um discurso recorrente para atribuir ao indivíduo perspectivas de pertencimento social e cidadania. Canclini (2008) aponta que as formas de consumo estão atreladas que atualmente o consumo está associado à noção de cidadania por que esse oferece condições de participação no meio social. O cidadão que usufruir do direito de consumo, incluindo de bens simbólicos como informação e comunicação até mesmo de produtos e serviços que são obrigação do Estado prover como educação, saúde e segurança, estará dialogando com as representações de cidadania.

A identidade na atualidade também se apropria das referências do capitalismo para se estabelcer. Nas reflexões de Larry Stralitz, apresentadas por Martino (2010) apresentam apontamentos da mescla entre consumo e identidade.

> A centralidade do consumo para a formação da identidade tem sido apontada por vários especialistas. Assim, se até um século atrás a identidade dos indivíduos tinha raízes na produção, seja como trabalhadores ou operários, atualmente é o consumo que confere a identidade na medida e em que é o espaço onde se lida com a sensação de que todos têm o mesmo poder. O consumo da mídia, nesse ponto, estaria no coração desse processo (STRALITZ apud MARTINO, 2010, pp. 71-72)

Por essa condição, que os referencias de consumo estão presentes de modo significativo no coletivo social e também o corpo se tornou algo de investimento para o consumo. Na contemporaneidade, o corpo não se basta apenas da condição biológica, necessitando de próteses, enxertos, interferências ou qualquer medida necessária para se manter em vida. As interferências no corpo não são apenas as próteses, estruturas mecânicas de fibras de carbono, plástico, silicone ou de qualquer outro material sintético alheio à organicidade da biologia natural, mas também aos aparelhos, sistemas e adereços desenvolvidos pelo homem no intuito de promover a vida e a postergação da morte. Há uma cadeia produtiva impulsionada pela indústria farmacêutica, cosmética e das engenharias e softwares que criam e despejam no mercado uma variedade de produtos e procedimentos para que o corpo possa ser significado de qualidade de vida, prazer, gozo e a própria identidade do indivíduo

> (...) a engenharia genética e as neurociências – que hoje tecem as grandes hegemônicas sobre o corpo, a subjetividade e a vida: ambos os tipos de saberes procuram desvendar os códigos, sinais e circuitos pelos quais trafega a informação vital dos seres humanos, para poder manipulá-la à vontade, corrigindo eventuais "defeitos" efetuando "melhorias" de acordo com as preferências do usuário-portador-consumidor. Em ambos os casos, o foco aponta para a *informação*. Estendendo a metáfora digital, trata-se de decifrar e intervir no "sistema operacional" que comanda a essência de cada sujeito, seja sua programação genética ou seu mapa cerebral. Hoje, portanto – fazendo um *up grade* na nossa ilustre herança cartesiana -, é o valioso software humano que recebe atenção prioritária: ou seja, a informação que anima cada corpo para torná-lo o que é (SIBILIA, p.112, 2006).

Uma outra vertente da representação do corpo aliado à tecnologia são as referências dos discursos midiático no cotidiano da população. O discurso oferecido pelas mídias na contemporaneidade surte efeitos consideráveis na sociedade, ainda mais quando se trata dos discursos oferecidos pela publicidade e propaganda que se posicionam na oferta de corpos afastados das marcas do envelhecimento provocadas pelo tempo e as possíveis adversidades que possam vir acontecer com o corpo na decrepitude da idade. O consumo se relaciona ao prazer do corpo, uma representação em que o gozo simbólico pode estar ao alcance no uso de cremes anti-idade, roupas de grifes, carros importados e outros signos que indiciam poder e prazer. Esses conceitos apresentam sensações de bem-estar, muito valorizadas atualmente, sendo um leme que serve de guia à sociedade contemporânea. A mídia contribui para a consolidação desse referencial dos corpos que são esguios ou rasgados por músculos túrgidos. O corpo midiático não traz as marcas da idade, traz as marcas de ode ao prazer.

> A "Revolução do Bem-Estar" é a herdeira, a testamenteira da Revolução Burguesa ou simplesmente de toda a revolução que erige em princípio a igualdade dos homens sem a poder (ou sem a conseguir) realizar a fundo. O princípio democrático acha-se então transferido de igualdade real, das capacidades, responsabilidades e possibilidades sociais, da felicidade (no sentido amplo da palavra) para a igualdade do objecto e outros signos evidentes do êxito social e da felicidade. (BAUDRILLARD, 2005, p.48).

Sendo alvo de informação, entretenimento e comunicação, o corpo absorve as referências midiáticas, na mesma intensidade que reproduz as informações absorvidas. Na contemporaneidade, o corpo se disciplina por esses discursos, excluindo aqueles que não têm a "forma adequada". Em nome do corpo, por

interferência do discurso midiático, dietas, cirurgias, roupas e outras ações são desenvolvidas para manter o corpo dialogando com o bem-estar e prazer. Esse fenômeno oferece condições de pertencimento, mas não no sentido de união entre indivíduos pertencentes a uma nação, mas no sentido de compartilhamento de práticas discursivas semelhantes quanto ao corpo imune da interferência do tempo ou de quaisquer sinais que o corpo possa indicar que está acima do peso.

> Tratar-se-ia , portanto, de seres maculados pela impureza, eventualmente excluídos até mesmo da própria categoria de sujeitos. De certo modo, tais criaturas estariam no limiar da humanidade, sempre ameaçadas de caírem no domínio das monstruosidade e das aberrações. Ou quiçá, pior ainda: da invisibilidade (SIBILIAb, 2006, p. 277)

As reflexões da autora são interessantes para perceber como é estabelecida a relação de pertencimento no espaço social quanto aos corpos que não dialogam com as representações de prazer, consumo e tecnologia. Na atualidade, o corpo se pauta em referências midiáticas para oferecer condições de pertencimento social, restringindo outras formas de representação que não dialogam com as referencias midiáticas ou de um corpo atrelado aos conceitos de saúde e bem-estar.

Considerações finais

Com as reflexões sobre o corpo e a identidade em diversos momentos da história da humanidade, pode-se acreditar que as duas entidades caminham lado a lado na representação da cultura: há choques e interferências de outras representações culturais na formação cultural de um determinado grupo social. O processo de ressignificação do corpo ao longo da história cultural oferece condições para perceber a necessidade de pertencimento dos indivíduos a um determinado grupo e também a interferência de poder.

> O corpo histórico não é uma entidade vazia e plástica, ma um manipulador ativo e vigoroso do mundo. Ele molda a sociedade, limitando a mudança social bem como forçando-a por meio de inovações (...) o corpo é essencial para entender os regimes de poder. Corpos sempre estiveram no núcleo de poder social. (...) A teoria social necessariamente se preocupa com os corpos, pois estes são o meio principal de reprodução social e de expressão cultural (BOURKE, 2010, pp. 309-310).

Dessa forma, o corpo se torna um retrato das referências culturais, estabelecidas por ordens discursivas que propõem pertencimento, identidade, representação em recortes da humanidade no tempo e no espaço, sendo construído em relações de poder pelo discurso predominante.

Referências Bibliográficas

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando*: introdução à filosofia. 3ª Edição revista. São Paulo: Moderna, 2003.

BAUDRILLARD, Jean. *A Sociedade de Consumo*. Lisboa: Edições 70, 2005.

BORDO, Susan. O Corpo e a Reprodução da Feminilidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: BORDO, Susan R.; JAGGAR, Alisson M. *Gênero, Corpo e Conhecimento*. Trad.: Britta Lemos de Freita. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1997.

BOURKE, Joanna. Como corpos físicos afetam a transformação cultural? In: SWAIN, Harriet. *Grandes Questões da História* (org.).Trad.: Geraldo Galvão Ferraz. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

CAMPELO, Cleide Riva. *Cal(e)idoscorpos*: um estudo semiótico do corpo e seus códigos. São Paulo: Annablume, 1996.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e Cidadãos*: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: UFRJ Editora, 2008.

FAURE, Oliver. O Olhar dos Médicos. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História do Corpo*: da Revolução à Grande Guerra . trad.: João Batista Kreuch, Jaime Clasen; revisão da tradução Ephraim Ferreira Alves. 3ªed. – Petrópolis: Vozes, 2009.

FRANCO JUNIOR, Hilário. *A Idade Média e o Nascimento do Ocidente*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

GÓES, Clara de. O Corpo na Psicanálise no Território de Deus e da História. In: THEML, Neyde. (et. al.). *Olhares do Corpo*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

HARAWAY, Donna J.. Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, Tomaz. (org.) *Antropologia do Ciborgue*: as vertigens do pós-humano. 2ªEd. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

LESSA, Fabio de Souza. Corpo e Cidadania em Atenas Clássica. In: THEML, Neyde. (et. al.). *Olhares do Corpo*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
´

ARTINO, Luís Mauro Sá. *Comunicação & Identidade*: quem você pensa que é? São Paulo: Paulus, 2010.

McLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensão do homem*. – São Paulo: Cultrix, 1969.

OLIVEIRA, Rita de Cássia Alves. O Corpo Jovem: razão, estética e êxtase entre natureza e cultura. In: GARCIA, Wilton. *Corpo & Mediação*: ensaios e reflexões. São Paulo: Factash Editora, 2007.

PASTOUREAU, Michel. *No Tempo dos Cavaleiros da Távola Redonda*: França e Inglaterra, séculos XII e XI. Trad.: Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SANT´ANNA, Denise Bernuzzi. Higiene e Higienismo entre o Império e a República. In: DEL PRIORI, Mary; AMANTINO, Marcia. *História do Corpo no Brasil*. São Paulo: UNESP, 2011.

SENNETT. Richard. *Carne e Pedra*: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: Record, 1997.

SIBILIA, Paula. A Desmaterialização do Corpo: da alma (analógica) à informação (digital). *Revista Comunicação, Mídia e Consumo*. v.3. n.6. p. 105-119. mar, 2006.

_____b. O Bisturi de Software: como fazer um "corpo belo" virtualizando a carne impura? In: ARAUJO, Denize Correa (org.). *Imagem (Ir) realidade*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

TADEU, Tomaz. Nós Ciborgues: o corpo elétrico e a dissolução do humano. In: TADEU, Tomaz (org.). *Antropologia do Ciborgue*: as vertigens do pós-humano. 2ªEd. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.